

SEÇÃO ESPECIAL: CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE

Indignação, amor e esperança em Paulo Freire

Cirlene Cristina de Sousa¹, Francisco André Silva Martins²

RESUMO

O presente trabalho se materializa na forma de ensaio e tem como foco discutir questões relacionadas ao contexto brasileiro de ataque à educação e à ciência. Para refletir sobre tais questões, dialogamos com Paulo Freire, um dos grandes nomes da educação libertadora e humanizadora no Brasil. O objetivo central do texto é apresentar campos de possibilidades para uma prática educativa biófila (aquela que ama gente) diante de um contexto político necrófilo (o qual incita ódio a muitas gentes). Em termos metodológicos, apresenta-se a tríade “amor-indignação-esperança” como ferramenta freiriana para a produção de uma luta educativa biófila em oposição às práticas desumanizadoras do Estado brasileiro. Dentre a vasta produção de Paulo Freire, quatro obras serão centrais no debate proposto ao longo deste artigo, a saber: “Pedagogia dos sonhos possíveis”, “Pedagogia do oprimido”, “Pedagogia da indignação” e “Pedagogia da esperança”. Ao final, aponta-se que sem amor, sem indignação e sem esperança, a luta enfraquece, porém, com Paulo Freire, a luta se enche de beleza e coragem.

Palavras-chave: Educação. Indignação. Amor. Esperança.

Como citar este documento – ABNT

SOUSA, Cirlene Cristina de; MARTINS, Francisco André Silva. Indignação, amor e esperança em Paulo Freire. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 11, e035749, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.35749>.

Recebido em: 25/08/2021

Aprovado em: 08/11/2021

Publicado em: 29/12/2021

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3086-8081>. E-mail: cirlene.sousa@uemg.br.

² Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4906-573X>. E-mail: francisco.martins@uemg.br.

Indignación, amor y esperanza em Paulo Freire

RESUMEN

El presente ensayo direcciona su enfoque a los temas emergentes del contexto de ataque a la educación y a la ciencia en el Brasil actual. Para arrojar luz sobre ellos, proponemos el diálogo con Paulo Freire, uno de los grandes maestros de la educación libertadora y humanizadora en el país. Por lo tanto, el objetivo principal del texto es presentar campos posibles para el establecimiento de un biófilo educativo (el que ama a las personas), en contra al contexto político necrófilo (el que incita al odio hacia a ellas). Nuestra metodología se sienta en la tríada “amor-indignación-esperanza”, herramienta freiriana en favor de una lucha educativa biofílica como reveladora de las prácticas deshumanizantes del Estado brasileño. Entre la vasta obra del escritor, nos centramos en cuatro de ellas para elucidar nuestros debates a lo largo del artículo. A saber: “Pedagogía de los sueños posibles”, “Pedagogía del oprimido”, “Pedagogía de la indignación” y “Pedagogía de la esperanza”. Por fin, se señala que, si de un lado, sin amor, sin indignación y sin esperanza la lucha se afloja, por otro, con Paulo Freire, ella se llena de belleza y coraje.

Palabras clave: Educación. Indignación. Amor. Esperanza.

Indignation, love and hope in Paulo Freire

ABSTRACT

This work is presented in the form of an essay and is focused on issues related to the Brazilian context of attack on education and science. To reflect on these issues, we dialogue with Paulo Freire, one of the greatest names in liberating and humanizing education in Brazil. The core aim of the text is to present an array of possibilities for an educational biophile practice (one who loves people) in the face of a necrophilic political context (which incites hatred towards a lot of people). In methodological terms, a triad “love-indignation-hope” is presented as a Freirian tool for the production of a biophilic educational struggle against the dehumanizing practices of the Brazilian State. Amongst Paulo Freire's vast production, four works will be central to the debate proposed throughout this article, as follows: “Daring to dream”, “Pedagogy of the oppressed”, “Pedagogy of indignation” and “Pedagogy of hope”. In the end, it is pointed out that without love, without indignation, and without hope, the fight weakens, however, with Paulo Freire, the struggle is filled with beauty and courage.

Keywords: Education. Indignation. Love. Hope.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Chega de doutrina marxista, basta de Paulo Freire” foi uma frase inscrita em faixas do movimento “fora Dilma” que tomou as ruas de algumas capitais brasileiras a favor do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2014. Naquele momento, estava em gestão um golpe que consistia em tirar do poder uma mulher, democraticamente eleita, que enfrentava as consequências econômicas e sociais da crise capitalista de 2008 e as negociações políticas de um parlamento masculino, branco, cristão conservador, machista, patriarcal e, à época, arquiteto de um golpe de Estado. Não poderia ser diferente que, naquele cenário, fosse colocada em questão a legitimidade de um dos maiores educadores de todos os tempos: Paulo Freire. Esse educador recebera dessa presidenta o título de patrono da educação brasileira pela Lei 12.612/2012.

Reconhecer Paulo Freire como patrono da educação brasileira é muito mais que oferecê-lo um título, mas, fundamentalmente, legitimar a complexa luta desse educador pela libertação dos oprimidos e oprimidas. Essa luta não pode escapar aos olhos dos educadores e educadoras que, em pleno ano de comemoração do centenário de nascimento do nosso patrono, ainda têm que lutar pedagogicamente contra o genocídio das juventudes negras, contra o Brasil homofóbico, contra uma escola diferente para ricos e pobres e contra a fome. Diante essa realidade desumanizadora, o patrono da educação brasileira diz:

A educação consegue dar às pessoas maior clareza para “lerem o mundo”, e essa clareza abre a possibilidade de intervenção política. É essa clareza que lançará um desafio ao fatalismo neoliberal [...], se nos deixarmos levar pelo engodo dos discursos econômicos neoliberais, que afirmam ser inevitáveis as realidades da falta de moradia ou pobreza, então as oportunidades de mudanças tornam-se invisíveis e o nosso papel enquanto fomentadores de mudança passa a se ocultar [...]. Como seres humanos, não resta dúvida de que nossas principais responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter nossa esperança (FREIRE, 2020, p. 50).

Por tudo isso, Paulo Freire incomoda parte da elite brasileira (que saiu às ruas em 2014), elite essa que sempre tem como objetivo manter ou recuperar privilégios coloniais, tais como a ideologia branca e o que nela está incutido de privilégios de classe e de raça, entre outros. Paulo Freire (2011) afirmava que essas são ideologias impostas numa tentativa de tornar os outros inferiores, sem cultura, sem beleza, sem expressão de mundo, sem religião, sem epistemologias. Ou seja, *eu sou, e o outro não é ou não deveria sonhar em ser*. Ao refletir sobre os impedimentos colonialistas desse “não ser” no seu livro “Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo”, Paulo Freire (2011, p. 25) destaca que os colonialistas tentam incutir e convencer as outras pessoas de que elas são “seres inferiores, incapazes, cuja única salvação estaria em tornar-se ‘brancos’ ou ‘pretos de alma branca’”. Em se tratando da educação, segundo Freire (2011), na Guiné-Bissau pós-colonialista, era preciso

combater os projetos escolares colonizadores que insistiam em convencer as crianças e os jovens destas inferioridades. Freire diz que

[...] para os colonizados que passaram pela alienante experiência da educação colonial, a ‘positividade’ desta educação ou de alguns de seus aspectos só existe quando, independentizando-se, a rejeitam e a superam. Quando, assumindo com seu povo, a sua história, se inserem no processo de ‘descolonização das mentes’, que faz referências Aristides Pereira; processo que se alonga no que Amílcar Cabral chamava de ‘reafricanização das mentalidades’. E isto implica a transformação do sistema educacional herdado do colonizador, o que não pode ser feito, porém, de maneira mecânica (FREIRE, 2011, p. 26).

Na continuidade desse debate, o que nos interessa mais diretamente é a argumentação de Paulo Freire sobre como devemos enfrentar as forças coloniais, forças necrófilas que insistem em se manter na América e na África. Para Freire, é urgente um projeto que envolva decisões políticas e a dialética existente entre amor, indignação e esperança. Para tanto, é preciso transformações radicais das condições desiguais nos campos materiais, intelectuais, culturais e educacionais. Para o educador,

[...] o que mantém uma pessoa, um professor vivo como um educador libertador é a clareza política para entender as manipulações ideológicas que desconfirmam os seres humanos enquanto tais. [...] Tem que se acreditar que se os homens e as mulheres criaram o feio mundo que estamos denunciando, então os homens e a mulheres podem criar um mundo que seja menos discriminatório e mais humano (FREIRE, 2011, p. 103).

Esse olhar libertador de Paulo Freire sobre as opressões coloniais é singular para se compreender o que estava acontecendo nas ruas do Brasil no ano de 2014. Ali estava sendo comunicado o velho projeto da pedagogia necrófila colonizadora³, a saber: aquela que tem amor a coisas sem vida, de mente civilizatória, pré-fabricadas, transmissíveis, mecânicas, desesperançosas, que oprimem, espoliam direitos, aprisionam sonhos e, portanto, querem reavivar privilégios classistas, racistas, sexistas, machistas, entre outros. Grande parte daqueles(as) brasileiros(as) que estavam nas ruas naquele contexto gritava pela manutenção de seus privilégios, como pode ser notado nas faixas que eles e elas carregavam, com frases do tipo: “Dilma devolve o meu dólar de 1,99...” “Eu quero ir de novo para a Disney”. São essas

³ O debate sobre necrofilia e biofilia pode ser visto em Fromm, ao apontar que “El individuo necrófilo puede realizarse con un objeto – una flor o una persona – unicamente se la posee; em consecuencia una amenaza a su posesión es una amenaza a él mismo, si pierde la posesión, pierde el contacto con el mundo.” E, mais adiante: “Ama el control y en el acto de controlar, mata la vida” (FROMM, 1967, p. 28-29 *apud* FREIRE, 2021, p. 63).

mesmas pessoas que tentam reverter as poucas conquistas da educação brasileira, como as políticas afirmativas (a exemplo, a Lei 10.639/2003⁴).

Tal movimento pró-impeachment ainda propagava a ideia de que a educação libertadora freiriana eliminava as pluralidades das escolas e das universidades no Brasil. Narrativas e discursos tão infundados que bastaria um conhecimento mínimo sobre o trabalho de Paulo Freire para entender a dimensão maléfica do golpe antidemocrático que se construía no Brasil. Qual o desejo daquelas gentes? Com certeza, a manutenção de seus privilégios. Por isso, o discurso conservador sobre a família tradicional, sobre a ideologia de gênero, sobre o direito às armas, sobre as terras indígenas e sobre cotas raciais. Essa narrativa conservadora e ortodoxa materializou novamente a ideia de Paulo como inimigo da pátria, educador a ser combatido.

Diante de narrativas tão desumanizadoras, outros grupos de educadores, pesquisadores, estudantes e militantes recuperam, resgatam ou procuram reinventar os ensinamentos de Paulo Freire para que se tenha uma sociedade brasileira mais justa. Sem dúvida, refletir sobre Paulo Freire, no contexto em que há fortes usurpações de direitos humanos, é uma forma de evidenciar as mentiras e as pautas de crueldade que estavam presentes naquele golpe e que hoje faz-se concretizadas, a saber: o aprofundamento das desigualdades sociais e educacionais, o garimpo em terras indígenas, o genocídio das juventudes negras e da população indígena, o aumento da violência contra a mulher e a intensificação da pobreza e da miséria.

Diante desse quadro, pergunta-se: qual o papel da educação no cenário de um Estado declaradamente necrófilo? Como agir nessa conjuntura? Em vista da produção de algumas reflexões em torno dessas questões, é preciso lembrar que, freirianamente falando, o agir é algo intrínseco da condição humana. Para esse educador, o ser humano é um ser da práxis, da ação e da reflexão. Ou seja, nós não estamos no mundo. Nós agimos sobre ele. Conforme nos diz Freire, “fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser” (2021, p. 81).

É nesse contexto de disputa de narrativas que a perspectiva freiriana da dialética entre amor, indignação e esperança nos parece ser um exercício reflexivo diuturno sobre a realidade opressora que se atualiza e atravessa a vida cotidiana de muitos(as) brasileiros e brasileiras. Apesar de comemorarmos o centenário de nascimento de um dos maiores intelectuais da história desse país, há que se pensar nessa data como um marco de luta. Nunca foi tão necessário gritar com o peito aberto que *Paulo Freire vive!*. Cem anos não são cem dias. Acreditamos que o próprio Freire gostaria muito mais de uma passeata, de atitudes de

⁴ A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

protestos a uma festa. Passeata que une amor e indignação e que leva, conseqüentemente, à esperança. Sendo assim, ouçamos Freire em seu amor, em sua indignação e em sua esperança.

AMOR-INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA: UMA TRÍADE BIÓFILA

Amor-indignação é a base das escritas freirianas que se encontram de forma mais inter-relacionadas nas pedagogias do oprimido, da indignação e da esperança. Essas pedagogias, como diz Ana Maria Araújo Freire (2016), estão encharcadas do “amor humanista” e da “indignação política”⁵ que permeou a vida e as obras de Paulo Freire.

Ao iniciar a obra *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire destaca que algumas pessoas não ultrapassarão as primeiras páginas. Uns, por considerar que o projeto e a problematização da libertação dos “condenados da terra” proposto na obra seria “uma posição idealista a mais, quando não um ‘blablablá’ reacionário de quem se perde falando em vocação ontológica, em amor, em diálogo, em esperança, em humildade, em simpatia” (FREIRE, 2021, p. 33). Outros não dariam continuidade à leitura do livro por “não quererem ou não poderem aceitar as críticas e a denúncia que fazemos da situação opressora, situação em que os opressores se ‘gratificam’, através de sua falsa generosidade” (FREIRE, 2021, p. 33-34).

Assim, para se chegar ao final da *Pedagogia do oprimido*, seria preciso coragem e radicalidade. Como destaca Leonardo Boff (2018, p. 18), no prefácio de *Pedagogia da esperança* seria necessário uma “opção ético-humanista prévia: amor ao ser humano oprimido contra a sua opressão e a favor da vida e da liberdade”. Assim, para Paulo Freire, fazer-se homens e mulheres éticos exige um profundo amor pela vida e lutas corajosas para se enfrentar as opressões.

Por tudo isso, na perspectiva freiriana, o amor é “um ato de coragem, nunca de medo, amor é um compromisso com homens. Onde quer que estejam estes oprimidos, o ato do amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da libertação. Mas, este compromisso, porque amoroso, é dialógico” (FREIRE, 2021, p. 111). Não obstante, segundo Paulo Freire,

[...] nem todos temos a coragem desse encontro e nos enrijecemos no desencontro, no qual transformamos os outros em puros objetos. E, assim, ao procedermos, nos tornamos necrófilos, em lugar de biófilos. Matamos a vida, em lugar de alimentar a vida. Em lugar de buscá-la, corremos dela (FREIRE, 2021, p. 174).

Não temos dúvida de que os gritos que ecoaram nas ruas em 2014 tinham como projeto “matar a vida, freá-la, com a redução dos homens a puras coisas, aliená-los, mistificá-los, violentá-los são o próprio dos opressores” (FREIRE, 2021, p. 174). Por isso, esse momento histórico exige homens e mulheres com sabedorias políticas, com radicalidade amorosa, que

⁵ Esta pontuação foi feita por Ana Freire em *Pedagogia da indignação*, 2016, p. 13.

saibam agir com equilíbrio. É preciso colocar-se nas lutas e marchas dos oprimidos e oprimidas por um mundo mais justo. É preciso posturas rebeldes, as quais, segundo Freire, não significam perder a capacidade de amar. Nesse sentido, Paulo Freire se convence do discurso de Ernesto Guevara, que diz: “os verdadeiros revolucionários reconhecem a própria revolução, porque um ato criador e libertador é um ato de amor” (GUEVARA, 1967, p. 637, *apud* FREIRE, 2021 p. 110). Assim a revolução, “não se faz sem teoria da revolução, portanto sem ciência, não tem nesta uma inconciliação com o amor. Pelo contrário, a revolução que é feita pelos homens, o é em nome de sua humanização” (GUEVARA, 1967, p. 637, *apud* FREIRE, 2021 p. 110). Ainda para esse revolucionário,

“Não é devido à deterioração a que se submete a palavra amor no mundo capitalista que a revolução vá deixar de ser amorosa, nem os revolucionários façam silêncio de seu caráter biófilo.” Guevara, ainda que tivesse salientado o “risco de parecer ridículo”, não temeu afirmá-la. “Dejeme decirle [declarou dirigindo-se a Carlos Quijano] a riesgo de parecer ridiculo que el verdadero revolucionario es animado por fuertes sentimientos de amor. Es imposible pensar un revolucionario autentico, sin esta cualidad” (GUEVARA, 1967, p. 637 *apud* FREIRE, 2021, p. 110).

Destarte, a esperança nutre a relação de amor e indignação, como demonstra Paulo Freire: “movo-me na esperança enquanto luto, se luto com esperança, espero” (FREIRE, 2021, 114). Tal esperança não é relacionada a uma espera neutra, passiva, do “deixa a vida me levar”, mas à esperança do verbo esperar, compreendendo que o diálogo com os condenados da terra exige postura radical e revolucionária. Uma postura revolucionária

Distingue-se do golpe militar por isto. Dos golpes, seria uma ingenuidade esperar que se estabelecessem diálogos com as massas oprimidas. Deles, o que se pode esperar é o engodo para legitimar-se ou a força que reprime. A verdadeira revolução, cedo ou tarde, tem de inaugurar o diálogo corajoso com as massas (GUEVARA, Ernesto, 1967, p. 637-638 *apud* FREIRE, 2021, p. 110).

No prefácio do livro *Pedagogia da indignação*, o professor e amigo de Paulo Freire, Balduino A. Andreola, destacou essa dimensão da esperança, dizendo que, ao fazer a leitura das “cartas pedagógicas” que compõem a primeira parte dessa pedagogia, ele se viu envolvido por “uma imensa onda cósmica de ânimo, de esperança e do sentimento de que vale a pena persistir na luta” (ANDREOLA, 2016, p. 18). Para esse autor, envolver-se com as cartas freirianas trouxe-lhe de novo o vigor, a vontade de retomar a luta. Pois ele estava diante, novamente, de um amigo que viveu a opção irrevogável de lutar até o fim de sua vida como um profeta da esperança “denunciando e anunciando com veemência” (ANDREOLA, 2016, p. 18) toda e qualquer forma de injustiça. Ainda segundo Andreola (2016), Paulo Freire sempre fora fiel ao projeto coletivo de libertação de todas as gentes. Essa fidelidade somente foi possível porque

ele foi um ser humano que amou demais, indignou-se demais e, portanto, educou a sua esperança, educou o seu amor pela vida, pelos seres humanos e não humanos.

O amor freiriano caminhou sempre de mãos dadas com a indignação. Aliás, em todos seus escritos, como destacou Ana Maria Freire (2016, p. 13) na obra *Pedagogia da indignação*, “Paulo Freire nunca abriu mão de demonstrar a sua indignação, a sua raiva justa e sua generosidade de amar”. Andreola (2016) destaca essa indignação de Paulo Freire frente ao episódio da morte do índio Galdino. A televisão ligada, o choque frente àquela trágica notícia. Mas, segundo Andreola (2016, p. 23), mesmo naquela ocasião, Paulo Freire foi capaz de expressar “falas de amor ao mundo com contexto do amor à vida, desafiado por tua santa e veemente indignação perante o espetáculo cruel e desconcertante de cinco adolescentes brincando de matar, barbaramente, em Brasília, Galdino, o índio pataxó”.

Ao recordar essa passagem, Andreola, ao prefaciá-la obra de Paulo Freire, destaca que o autor nos faz refletir sobre “a ética universal dos seres humanos, a ética da solidariedade, a ética do mercado, insensível a todo reclamo das gentes e apenas aberta à gulodice do lucro” (ANDREOLA *apud* FREIRE, 2016, p. 24). Portanto, Andreola nos reforça que a reflexão freiriana daquele assassinato nos adverte sobre “[...] como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas” (ANDREOLA *apud* FREIRE, 2016, p. 25). Com tal radicalidade, pois Freire mesmo diz “não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo” (ANDREOLA *apud* FREIRE, 2016, p. 26); por isso, amor, indignação e esperança são indissociáveis.

O corpo e as escritas são imbuídas dessa tríade e, segundo Andreola (2016), Paulo Freire sempre carregou em sua vida o vigor de um pedagogo-profeta. Mesmo com feroz indignação frente às políticas de morte, ele “nunca deixou de reafirmar a amorosidade e a afetividade como fatores básicos da vida humana e da educação” (ANDREOLA *apud* FREIRE, 2016, p. 26). Com amorosidade e indignação, Paulo Freire sempre lutou contra

[...] o des-amor do projeto capitalista de mundo, determinista, da fatalista economia de mercado, da especulação, da ganância e da exclusão. E dele a luta incansável por um projeto mais humano, fraterno e solidário de mundo. Uma luta que lhe foi cara a favor do projeto de uma nova humanidade (ANDREOLA *apud* FREIRE, 2016, p. 27).

Em sua trajetória de educador humanista, Paulo Freire lutou contra todas as formas de impedir a luta e a utopia, de negar a esperança e de compreender a história de forma fixista. Ele sempre sustentou a urgência de uma mobilização coletiva de homens e mulheres que lutassem ao lado dos injustiçados em torno do projeto de um mundo melhor. Pois tais

injustiçados, condenados da terra, oprimidos(as) são, na visão freiriana, mensageiros do sonho viável e agentes históricos de mudança.

Em *Pedagogia da indignação*, Paulo Freire destaca as marchas do MST em 1997, notando como tais marchas, junto a outras, como a “marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem teto, dos sem escola, dos sem hospital, dos renegados” (FREIRE, 2016, p. 25), são marchas esperançosas dos “que sabem que mudar é possível” (FREIRE, 2016, p. 25).

Para Paulo Freire, a educação tem um papel importante nessa dimensão da construção de um mundo menos feio, menos injusto, menos colonialista. Para ele, o fazer educativo nunca pode se desmembrar ou se eximir de pensar e viver a dialética “indignação e amor” e a esperança que nela se acumula. Nas páginas que seguem, trataremos dessa educação esperançosa, conhecida como educação libertadora.

A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Nossa presença no mundo, segundo Paulo Freire, implica escolha e decisão, já que nunca é uma presença neutra. Se essa presença não é neutra, faz-se indispensável assumir criticamente a sua politicidade. O ser humano não é um ser de adaptação, mas de transformação. Mesmo que em determinadas conjunturas não seja possível mudar radicalmente as situações de desumanizações, é preciso sonhar o que Paulo Freire chama de *sonho certo* ou *do caminhar* com um projeto de mundo. Projeto que exige uma desvinculação da ideia de história como determinismo e uma procura pelos campos de possibilidades para uma vida mais decente.

Para tanto, são necessárias práticas educativas utópicas, coerentes com as lutas dos “esfarrapados(as)” que caminham sem cessar em busca da boniteza da vida, que o capitalismo, segundo Freire, transforma em feiura, em vergonha. Para o educador, homens e mulheres decentes devem estar sempre se alimentando da crença de que é possível transformar o mundo. Essa deve ser transformação que exige comunicação consigo mesmo, com os outros seres humanos e os demais seres vivos: é nesta relação que se constrói a experiência da “casa comum”.

Para Paulo Freire, o(a) educador(a) progressista tem um papel importante nesse projeto de construção da casa comum, já que ele ou ela carregariam, escrito em si, amor às coisas que têm vida. Para tanto, tais educadores devem se colocar como testemunhas, comprometendo-se com a realização de um mundo menos feio, mais justo e mais democrático (FREIRE, 2016, p. 36). Assim, diz Freire:

[...] estou convencido de que nenhuma educação que pretenda estar a serviço da boniteza da presença humana no mundo, a serviço da seriedade da rigorosidade ética, da justiça, da firmeza do caráter, do respeito às diferenças, engajada na luta pela realização do sonho da solidariedade pode realizar-se ausente da tensa e dramática relação entre autoridade e liberdade (FREIRE, 2016, p. 41).

É nesse sentido que Paulo Freire nota que é fundamental uma educação que leve os estudantes a compreenderem os sentidos de suas presenças no mundo e de se reconhecerem como sujeitos de direito e de saberes. Esse é um educar que perpassa por uma perspectiva ética e democrática. Os campos de possibilidade que vamos criando na luta que são capazes de nos educar “para as decisões, para as opções, para uma postura ética frente ao que é feiura no mundo” (FREIRE, 2016, p. 43). Assim, a educação só tem sentido porque os seres humanos são “tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo” (FREIRE, 2016, p. 44). A educação somente tem sentido

[...] porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem mulheres e homens precisam de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem, não haveria porque falar em educação (FREIRE, 2018, p. 44).

Portanto, para Paulo Freire (2016), a leitura crítica do mundo não pode dissociar o fazer “pedagógico-político” do fazer “político-pedagógico”. Assim, há sempre uma ação política envolvida na organização e nos processos de reinvenção da sociedade pelos grupos e pelas classes populares. Ao se organizarem, tais grupos geram a denúncia das opressões e dão, assim, origem aos sonhos que envolvem suas lutas. A educação libertadora vai trabalhar na projeção desse sonho ético-político da superação da realidade injusta e ideologicamente fatalista.

O fatalismo, lembremos, é o grande estimulador da imobilidade dos oprimidos e das oprimidas. Por isso, em termo libertador, segundo Freire, visa-se uma educação que o rigor no ensino dos conteúdos jamais se faça de forma mecanicista, fria ou mentirosamente neutra. Nesse sentido, uma pedagogia que se faça na radicalidade, “jamais pode fazer nenhuma concessão às artimanhas do “pragmatismo” neoliberal que reduz a prática educativa ao treinamento técnico-científico dos educandos” (FREIRE, 2016, p. 49). O educador progressista coloca-se na contramão deste pragmatismo e faz de sua disciplina um lugar desafiador para que os estudantes pensem criticamente a realidade social, política e histórica da qual eles e elas participam.

O papel de uma educação crítica e amorosa da liberdade é despertar seus estudantes para a recusa das ordens desumanizadoras, pela defesa da pluralidade de ideias e, assim, pela leitura

de um mundo crítico. Um mundo que cabe o *eu*, o *outro* e o *outro de nós*. A educadora e o educador progressistas devem trabalhar com “rigoriedade ética no trato das pessoas e dos fatos” (FREIRE, 2016, p.50) não podendo se silenciar ante a afirmação de que “os favelados são os grandes responsáveis por sua miséria” (FREIRE, 2016, p. 50). Inclusive, vivemos um contexto histórico em que o próprio presidente da República e os seus ministros produzem falas muito violentas, desumanas e necrófilas em relação às classes mais pobres. Uma fala que nos causou bastante repúdio foi a do ministro da economia Paulo Guedes, que, ao participar de um evento da Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS), disse:

Com toda aquela alimentação que não foi utilizada durante aquele dia no restaurante, aquilo dá para alimentar pessoas fragilizadas, mendigos, desamparados. É muito melhor do que deixar estragar essa comida toda, que estraga diariamente na mesa das classes mais altas brasileiras, e também o desperdício ao longo de toda a cadeia produtiva⁶.

A princípio, ninguém seria contra a ideia de que no Brasil há um desperdício alimentar vergonhoso, mas o que nos causa repúdio é o fato de um ministro da economia se isentar da responsabilidade diante dessas situações de fome no Brasil. Diferentemente desse ministro, Paulo Freire nos convoca a pensar de forma mais complexa o problema da fome no Brasil. Para o educador é urgente entender

[...] as relações entre fome e produção de alimentos, produção de alimentos e reforma agrária, reforma agrária e reações contrárias a ela, fome e política econômica, fome e violência e fome enquanto violência, fome de democracia. Teremos que perceber que a vitória sobre a miséria e a fome é uma luta política em prol de uma profunda transformação nas estruturas da sociedade (FREIRE, 2020, p. 53).

Assim, o aumento da fome no Brasil, para além de suas vinculações com a pandemia da covid-19, é fruto também das perversas políticas do Estado brasileiro. São muitas as políticas de morte, tais como “vamos passando a boiada”, fala do ex-ministro do meio ambiente Salles, ao se referir à assinatura de contratos de uma antipolítica ambiental que vem abrindo caminhos para o desmatamento, as grilagens, a invasão e o uso das terras indígenas pelos garimpeiros. É vergonhoso pensar que a fome cresce no país, num momento em que o agronegócio bate recordes na produção de alimentos. Vale lembrar também que as crianças yanomami estão morrendo por desnutrição profunda, malária e outras tantas carências. Crianças morrendo nessas situações é algo injustificável, e é ainda mais vergonhoso pensar que parte dos que deveriam nos representar e criar políticas contra a fome são justamente os que têm produzido tantas situações de fome e de morte pelo Brasil afora. Eles “aproveitam a onda”

⁶ MELLO, Daniel. Guedes defende redução no desperdício de alimentos. Agência Brasil. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-06/guedes-defende-reducao-no-desperdicio-de-alimentos>. Acesso em: 16 ago. 2021.

[...] e navegam, injustificadamente, no mar de lama dos desmandos, dos descabros e do desgoverno num vale-tudo num ‘defenda-se quem e como puder’, numa usurpação sem constrangimentos dos direitos alheios que nos afoga como nunca, como povo e como nação [...] constatamos indignadamente, das políticas agrícola e agrárias – incluindo-se nestas o financiamento para os transgênicos produzidos pelos futuros donos das sementes alimentícias do planeta e a deficiente distribuição das terras para o cultivo, a reforma agrária, tão indispensável quanto urgente – às políticas do setor energético, a falta de visão politicamente estratégica dessas e de outras políticas públicas por parte de nosso governo ‘aliado e afinado’, na verdade, submetido aos ditames do poder global, malvado e necessariamente alheio às cruciais, atuais e dramáticas problemas sociais econômicos-financeiros e ambientais da nação brasileira (FREIRE, 2020, p. 26).

Paulo Freire diz ainda que não podemos nos silenciar em face ao “discurso da impossibilidade do mundo mudar porque a realidade é assim mesmo” (FREIRE, 2016, p. 49). Esta fatalidade atravessa o discurso do Presidente da República, ao dizer que “e daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre”, referindo-se às mortes de brasileiros e brasileiras causadas pelo coronavírus⁷. No momento dessa fala, o Brasil somava 5.017 mortos, hoje já atingimos mais de 600 mil. Temos aí uma expressa declaração necrófila daqueles que acreditam que “pessoa humana são apenas eles. Os outros, estes são coisas” (FREIRE, 2021, p. 62).

São estas falas e atitudes cruéis que devem ser repudiadas por qualquer cidadão que tem o mínimo de respeito pela vida e pela pessoa humana. E, principalmente, um repúdio que não pode faltar ao educador ou educadora progressista. Para Paulo Freire, tal educador e educadora não pode se permitir qualquer tipo de dúvida em torno do direito. Não há como abrir mão de uma igualdade curricular para os estudantes periféricos, pobres, quanto para os estudantes da elite. Eles e elas deveriam saber a

[...] mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e a meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem, mas, de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade (FREIRE, 2018, p. 50).

Segundo Paulo Freire, a educação libertadora é uma prática que preza pelo exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha e dos limites. Nela há lugar para as emoções, para os sentimentos, para os desejos. Uma educação que toma a “história como possibilidade e jamais como determinação, é substantivamente esperançosa e, por isso mesmo, provocadora da esperança” (FREIRE, 2020, p. 54). Assim, como disserta o autor:

⁷ BOLSONARO, Jair. “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”, Diz Bolsonaro sobre recorde de mortes pelo coronavírus. Canal da Uol. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KGACSGIToUk>. Acesso em: 16ago. 2021.

[...] jamais pude pensar a prática educativa... intocada pela questão dos valores, portanto da ética, pela questão dos sonhos e da utopia, quer dizer, das opções políticas, pela questão do conhecimento e da boniteza, isto é, da gnosiologia e da estética (FREIRE, 2020, p. 13).

Segundo Paulo Freire, não há caminhar educativo que se faça sem sonhos; os sonhos são projetos pelos quais lutamos e, portanto, não são realizados sem enfrentamentos, sem obstáculos, sem direções. É um caminhar cheio de conflitos, com avanços e recuos, com marchas curtas e longas. São, enfim, andarilhagens daqueles e daquelas que têm coragem de dizer não a qualquer política de morte, de negação da vida e de impedimento do direito dos seres humanos crescerem. *Ser mais* é uma vocação humana que se constitui histórica e socialmente (FREIRE, 2016).

Por isso, não estamos no mundo de forma neutra, nós estamos sendo no mundo a partir dos sonhos que são projetos, projetos que se transformam em luta. Afinal, como diz o educador, “o mundo não é. O mundo está sendo” (FREIRE, 2016, p. 90). Nessa direção, os sonhos são processos que implicam conflitos, avanços, recuos, em suma, marchas, às vezes, demoradas. Os sonhos sempre produzem os seus contrassonhos na perspectiva freiriana.

À vista disso, nota-se a natureza contraditória e processual de toda realidade. Como sempre nos ensinou Paulo Freire, “não há atualidade que não seja palco de confrontações entre forças que reagem ao avanço e forças que por ele se batem” (FREIRE, 2016, p. 90). A atual conjuntura social brasileira, por exemplo, nos diz de uma polaridade discursiva estabelecida ao redor da figura e da obra de Paulo Freire. Construiu-se uma polarização em torno de disputas narrativas na qual, motivado por ideologias, esse autor tem sido grande alvo ou foco, seja para os mais conservadores e ortodoxos, que têm nele a materialização de um inimigo a ser combatido, seja para progressistas, que veem em suas reflexões a esperança de mudança em um contexto tão inóspito e algoz.

Em suas veias freirianas, os progressistas lutam contra a morte e contra a dilapidação dos direitos, o que pode ser observado em suas faixas de protesto escritas “Nenhum direito a menos”. Aos progressistas, nos unimos nesse artigo, pois, como nos lembra Paulo Freire, “não há hora e lugar para a luta progressista” (FREIRE, 2016, p. 63). O fundamental, segundo Paulo Freire, se sou coerentemente progressista, é

[...] testemunhar, como pai, como professor, como soldado, cientista, pesquisador ou artista, como mulher, mãe ou filha, pouco importa, o meu respeito à dignidade do outro ou da outra. Ao seu direito de ser em relação ao seu direito de ter. Mudar é difícil, mas possível – uma oposição ao pensamento fatalista que empresta a este ou aquele fator condicionante um poder determinante, diante do qual nada se pode fazer... (FREIRE, 2016, p. 63).

Portanto, a educação libertadora também se compromete com a dialética amor-indignação e a esperança que daí brota. Para Paulo Freire, a vocação ontológica do *ser mais* está presente em cada um de nós, que direta ou indiretamente se colocam em luta. Esse educador foi prova viva deste exercício da humanização. Ele nunca se eximiu de enfrentar os fatos pungentes e difíceis colocados na sua caminhada de homem, de pai, de marido e de educador. Ao contrário, mesmo diante dos processos de desumanização que o afligiram (como sua prisão e exílio), ele os enfrentou com coragem e com a esperança de que um mundo melhor era possível.

A partir de todas estas considerações, nas páginas a seguir, fazemos a convergência entre amor-indignação-esperança e educação libertadora.

LIBERTA-SE: AMOR-INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA

Paulo Freire sempre lutou de “forma a não se afastar da esperança”, afirma Ana Freire em sua apresentação à *Pedagogia da indignação* (2016, p. 13). A esperança freiriana, segundo essa autora, é “a matriz da dialeticidade entre ela mesma, a raiva ou indignação ou o amor” (FREIRE, A., 2016, p. 13). Ela destaca ainda que “Paulo sempre dizia que as verdadeiras ações éticas e genuinamente humanas nascem de dois sentimentos contraditórios e só deles: do amor e da raiva” (FREIRE, A., 2016, p. 13). No meio desses dois, Paulo Freire carregava a esperança de transformar os projetos de “inéditos viáveis” em concretudes históricas. Por isto, segundo Ana Maria Freire (2016), esse inédito na luta de Paulo Freire é a sua luta utópica ou o seu “inédito” pela “democratização da sociedade brasileira, através do amor-indignação-esperança” (FREIRE, A., 2016, p. 14).

Portanto, a educação é uma prática que exige risco. Viver é um perigo, mas quando nos colocamos como sujeitos conscientes desses riscos, somos capazes de nos relacionarmos com eles de forma mais potente. Ou seja, mediante os riscos, podemos educar a nossa curiosidade e nos colocamos em marcha pela justiça, pela paz, pelo combate ao vírus, pela cultura antirracista e pelo combate à fome e à política de morte, hoje tão presentes no Brasil.

É dessa forma que amor-indignação e esperança se tornam a metodologia freiriana para se chegar ao sonho do mundo possível. Mundo que se funda em utopias e em projetos, que devem estar enraizados em ações concretas, em lutas justas, e não em meras ilusões. Para tanto, é necessário nos movermos pelo “ímpeto da rebeldia” contra a agressiva injustiça que caracteriza a atual realidade brasileira.

Mas como aprender e se rebelar? Freire é enfático na resposta, afirmando que isso somente é possível ao nos colocarmos no desmantelamento das forças coloniais que insistem em permanecer no Brasil, a saber, “marcas do nosso passado colonial, escravocrata, obstaculizando avanços da modernidade. São marcas de um passado que, incapaz de perdurar

por muito mais tempo, insiste em prolongar sua presença em prejuízo da mudança” (FREIRE, 2016, p. 62-63).

Para tal luta, é preciso uma união das instituições sociais (políticas, educacionais, culturais, entre outras) com os condenados da terra. Condenados que, na visão de Paulo Freire, são pessoas que podem descolonizar nossas mentes. Pois são eles e elas, oprimidos e oprimidas, que, diante dos dramas da vida, nunca se acomodaram. Freire (2018) nos lembra que mesmo diante de tantas injustiças, eles e elas fazem-se caminhantes, se colocam em marchas contra todas as formas de opressão. Suas lutas são as matrizes da esperança. Com eles e elas, aprendemo-nos como seres inacabados e de busca. É nesse sentido que Paulo Freire nota que “a ideia de liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens [e das mulheres] por libertar-se” (FREIRE, 2018, p. 15).

Por tudo isso, a vida desse educador se torna uma experiência de afeto e compromisso com o ser humano ou outro qualquer ser vivente. Como homem zeloso, Paulo Freire nos conduz a entender o ato educativo como um ato de coragem, um compromisso com a transformação de um mundo feio em um mundo mais bonito, um mundo decente. Parafraseando Guimarães Rosa (2006), podemos dizer que o que a vida quer de nós é coragem! E Paulo Freire foi um ser humano corajoso.

Nesse sentido freiriano, aprender a ser gente rebelde, gente revolucionária, é deixar-se mover pela raiva justa. Segundo Paulo Freire, temos “o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga, tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-la como motivação de minha briga” (2016, p. 88-89). Portanto, posturas rebeldes são indispensáveis para a luta, assim diz Paulo Freire: “a rebeldia é ponto de partida indispensável, é a deflagração da justa ira, mas não é suficiente” (FREIRE, 2016, p. 92). Temos que assumir uma postura denunciatória, que se alongue “até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora” (FREIRE, 1996, p. 87-88). Portanto, o amor-indignação-esperança é o ponto de partida e também o ponto de chegada da nossa luta neste mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Companheiros(as), para enfrentarmos o Brasil atual tão feio, enlameado em mortes e viciado em políticas genocidas, é preciso coragem. Na perspectiva freiriana, para um Brasil mais bonito, mais justo, é preciso colocarmo-nos em lutas coletivas e recheadas de muito amor, indignação e esperança. Sim, precisamos colocar-nos em risco, quando o que está em disputa é o direito à vida de tantas gentes brasileiras e tantos seres viventes. Mulheres, gentes negras, indígenas, crianças yanomamis e as florestas gritam em coro: precisamos respirar.

Findamos nossa reflexão mergulhados em coragem, com o sentimento de que a luta não pode titubear. Atravessamos momentos de desesperança e de tantas discórdias que devemos freirianar. Sentir e ouvir Paulo Freire significa nos encharcarmos de um amor às coisas que tem vida. Enquanto educadores e educadoras, nos encharcamos de uma educação biófila – aquela que sonha sonhos possíveis – visando alcançar sonhos impossíveis. Obrigada, Paulo Freire, por nos fazer compreender que os condenados(as) da terra são os(as) que nos ensinam que mudar é difícil, mas é possível.

Por tudo isto, não poderíamos terminar este artigo sem manifestar nossa indignação à postura fatalista dos que governam nosso país. Pessoas que, em vez de esperar, criam desesperanças, desamores e desuniões. Tornarmo-nos homens e mulheres amorosos(as), indignados(as) e esperançosos(as) só é possível se nos colocarmos em luta contra todas as formas de opressão e de desumanização. Para tanto, é preciso amor-indignação-esperança. Aliás, o amor é uma forma de esperar, já que em sua base ele carrega a opção por um mundo mais ético, mais justo e humano. Nesse sentido, parece-nos que a tríade amor-indignação-esperança não nos pode faltar neste século XXI constrangedor.

Constrangimentos tais que não podem nos paralisar; como homens e mulheres biófilos, não podemos assistir de forma passiva as opressões, as injustiças, a fome, as situações de racismo, homofobia e feminicídio. Freirianamente falando, nossas lutas são, por um lado, formas de denunciar *mentiras* que se traduzem em fatalismos. E, por outro lado, são formas de anúncio das *verdades* que se traduzem na defesa da vida, na defesa do *ser mais*.

Por isso, para Paulo Freire, não é possível vivermos o amor-indignação e a esperança sem nos colocarmos em marcha com aquelas e aqueles feitos esfarrapados pelo mundo. O que teríamos a aprender com tais gentes? No dizer de Paulo Freire, posturas rebeldes que, no caso dessas gentes usurpadas, se transformam em posturas esperançosas e revolucionárias. Eles e elas seriam nossos educadores da esperança. Lembremos, como diria Paulo Freire: “a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica” (2021, p. 11). Portanto, fica-nos a questão: qual tem sido nossa capacidade de amar, de se indignar e de se esperar? É isso, coragem, companheiros e companheiras. Paulo Freire, presente!

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduíno Antonio. Carta-prefácio a Paulo Freire. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

BOFF, Leonardo. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

BRASIL. Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012. Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12612.htm. Acesso em: 16 ago. 2021.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 09 nov. 2021.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Apresentação. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 77. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FROMM, E. *El corazón del hombre: su potencia para el bien y para el mal*. México: Fondo de cultura Económica, 1967.

GUEVARA, Ernesto. Obra Revolucionaria. México: Ediciones Era S.A, 1967, p. 637-638. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 77. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Cirlene Cristina de Sousa

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestrado em Comunicação Social e doutorado em Educação pela mesma universidade. É professora efetiva da Universidade do Estado de Minas Gerais.

cirlene.sousa@uemg.br

Francisco André Silva Martins

Possui graduação em História pelo Centro Universitário de Belo Horizonte, mestrado e doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG). É professor efetivo da Universidade do Estado de Minas Gerais.

francisco.martins@uemg.br